



DISCURSOS



Saudação ao novo sócio José Borzacchiello da Silva

ANGELA GUTIÉRREZ*

Cumprimento o Presidente do Instituto do Ceará, Júlio Lima Verde Campos de Oliveira e demais membros de nossa instituição, assim como os colaboradores da Casa; o Presidente da Academia Cearense de Letras, Lúcio Alcântara, e demais acadêmicos e acadêmicas da Casa de Thomaz Pompeu, o Presidente da Associação Brasileira de Bibliófilos, José Augusto Bezerra, e em seu nome saúdo todos os presidentes de academias e associações culturais aqui presentes; Cumprimento nossos colegas da Universidade Federal do Ceará, em especial os da área de Geografia, do Programa de Pós-Graduação em Geografia, onde atualmente, nosso novel consócio atua. Saúdo, afetuosamente, o amigo Prof. José Borzacchiello da Silva e a amiga Profa. Emília Martins Velloso, que formam um casal primorosamente harmonioso, e estendo meus cumprimentos a sua família e a seus colegas de universidades brasileiras e estrangeiras.

Agradeço ao Presidente Lima Verde e ao Prof. José Borzacchiello a honra de ter sido escolhida para, em nome do Instituto do Ceará, saudar o novo sócio efetivo que, aliás, há muito deveria estar entre nós, compartilhando sabedoria e generosidade com os consócios da mais antiga instituição cultural do Ceará, em funcionamento.

José Borzacchiello da Silva: de como um geógrafo se apaixona por uma cidade

Permitam-me retornar ao ano de 2014, quando o Prof. José Borzacchiello recebeu o título de Professor Emérito da Universidade Federal, maior honraria concedida pela UFC. Compareci à sessão de

* Sócia efetiva do Instituto do Ceará.

entrega desse título, na Reitoria da UFC, e, como brasileira, cearense e fortalezense, senti-me premiada por assistir ao justíssimo reconhecimento, por nossa Universidade, de um intelectual que tanto vem trabalhando por nossa cidade, por nosso estado e país, não só em suas pesquisas em Geografia Humana, mas em sua luta por acesso mais amplo da sociedade ao conhecimento, pelo respeito às pessoas e ao espaço em que vivem, pelo sonho de uma sociedade mais justa e igualitária. O prof. Bozacchiello vem, há décadas, contribuindo, com suas pesquisas e discussões em diferentes fóruns, para que sua luta realize seus, nossos sonhos.

Peço licença aos amigos colegas José e Eustógio para contar a expressão com que o Prof. Eustógio Dantas, do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFC e nosso consócio aqui no Instituto do Ceará, saudou seu mestre na cerimônia de outorga do referido título, chamando-o de “nosso Zé”, e mostrando, assim, a brasilidade e simplicidade de nosso amigo sempre acolhedor.

Voltemos, porém a um tempo longínquo, muito antes do início da história de José e do Instituto do Ceará, séculos antes que um brilhante geógrafo se apaixonasse pelo objeto de seus estudos: uma cidade!

Imaginemos o deslumbramento dos franceses quando, em novembro de 1555, vindos à *terra brasilis*² comandados por Nicolas Durand Villegagnon, com o sonho de fundar a França Antártica e de realizar outros sonhos mais pragmáticos, como o de consolidar negócios com as riquezas da terra do pau-brasil, pois bem, depois de passarem por Cabo Frio, finalmente avistam o litoral carioca enfeitado por belíssima concavidade a que os nativos chamavam de Goanã-bará ou Goanã-pará: rio da baía ou barra da baía. Aliás, segundo Theodoro Sampaio, um dos franceses que, em 1556, fez parte do grupo de protestantes vindo em outra expedição ao Rio de Janeiro, Jean de Léry: “foi o primeiro que nos transmitiu essa denominação dada ao lugar pelos tupis”³, a Baía da Guanabara, nome de uma das mais belas paisagens de nosso planeta e, à época, na pureza de suas matas intocadas.

2 Termo já usado em mapas dos séculos XVI e XVII, como exemplo de mapa de Pedro Reinel e Lopo Homem, de 1519.

3 “...denominação dada ao lugar pelos tupis” [Theodoro Sampaio *O Tupi na Geographia Nacional*. Memória lida no Instituto Histórico e Geographico de S. Paulo: São Paulo: Typ. da Casa Eclectica, 1901, ver p.53.

A cena da chegada da expedição francesa aqui aparece apenas para mostrar que a chegada à Baía da Guanabara era uma festa para os olhos, e os navios “saúdaram a terra brasileira com vários tiros de canhão e numerosos galhardetes e bandeirolas nos mastros” como nos contam Vasco Maris, membro do IHGB, e Lucien Provençal, oficial da Marinha Francesa, coautor e tradutor desse livro para o francês, apoiados em pesquisas, na obra *Villegagnon e a França Antártica*.⁴

Ainda hoje quem chega ao Rio de Janeiro, vindo pelos ares ou pelos mares, sente o coração palpitar mais forte, ao ver, como os franceses há quase cinco séculos, a fascinante Baía da Guanabara, sabendo-se diante da prova do talento infinito do Artista Maior que criara a mais esplendorosa tela da natureza.

Nascido nessa cidade, que, apesar de todas as terríveis mazelas com que a ganância, a violência, a desigualdade social, e tantas outras feridas sociais e, mesmo, administrativas e políticas imprimiram-lhe dolorosas cicatrizes, ainda é bela, belíssima. O menino José conheceu as belezas naturais do Rio que, há algumas décadas, eram mais ofuscantes e deu-se conta das tristezas do Rio de Janeiro, então, menos consternadoras, e imagino que esses sentimentos estiveram presentes, entre outras razões de vocação, quando o jovem José escolheu ser geógrafo, graduando-se e licenciando-se em Geografia em 1969, em sua cidade de berço.

Há quarenta e quatro anos, José, nascido carioca, como sabemos, começou a fazer-se cearense, ao chegar em terras banhadas pelo rio Jaguaribe, em Limoeiro do Norte, no ano de 1976, para ali dirigir um Campus Avançado do Projeto Rondon, enviado pela Universidade Federal de Londrina, universidade onde iniciara a carreira no magistério superior, em 1970, e cidade onde vira nascer seus três filhos muito amados, Leonardo, Gustavo e Bianca.

No ano seguinte a sua chegada ao Ceará, em 1977, José fez-se fortalezense, quando veio morar na Cidade Amada, como o Poeta Artur Eduardo Benevides sempre se referia à capital do Ceará. Assim, José vive há muito mais tempo na capital do Ceará do que na sempre maravilhosa Cidade do Rio, capital do coração dos brasileiros. Somente, porém em 1999, 22 dois anos depois de não só viver em Fortaleza, mas de viver por

4 Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p.890.

Fortaleza, viver doando-se a nossa cidade, José tornou-se fortalezense passado no papel, quando recebeu o título de Cidadão Honorário de Fortaleza, concedido pela Câmara Municipal de Fortaleza.

Minha aritmética talvez não esteja totalmente correta, pois muitos dos dias, meses e anos em que José viveu em nossa cidade, foram também divididos com estadias em outras universidades para estudos na área de Geografia Humana, como em São Paulo, para continuar Mestrado nessa área, na USP, com apresentação de dissertação aprovada em 1978; outra vez em São Paulo, para cursar Doutorado, com tese intitulada “Movimentos Sociais Populares em Fortaleza – Uma Abordagem Geográfica”, defendida e aprovada em 1987, na mesma área; em Paris, para cumprir Pós-Doutorado na Universidade de Paris IV Sorbonne, de 1991 a 1993, também na área de Geografia Humana.

Ao optar por fazer-se fortalezense, José continuou no magistério superior, ensinando na Unifor e, a partir de 1978, na Universidade Federal do Ceará. Hoje, Professor Titular e Prof. Emérito da UFC, dedica-se ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFC e à Pontifícia Universidade Católica do Rio, PUC-Rio.

Além do magistério, ao longo de sua carreira, José vem exercendo diferentes cargos, como Coordenador da área de Geografia da CAPES; presidente da ANPEGE (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia), Conselheiro do CETRA (Centro de Estudos do Trabalho e Assessoria ao Trabalhador). Atualmente integra o Projeto PRINT/CAPES (Programa Institucional de Internacionalização), que estimula a criação de redes internacionais de pesquisa, entre outros objetivos. Pertence a comissões editoriais de várias revistas nacionais e estrangeiras. É membro da Comissão Brasileira de Justiça e Paz da CNBB, criada para a principal função “o estudo dos grandes problemas da justiça social, com vistas ao desenvolvimento das nações jovens e especialmente quanto à fome e à paz no mundo”, nas palavras de Paulo VI, ao criar a Comissão Pontifícia Justiça e Paz.

Se José Borzacchiello, dentro de sua formação universitária e em sua história profissional encaminhou-se para a Geografia Humana e suas múltiplas especialidades, como a Geografia Urbana, é relevante apontar que os temas ligados à cidade de Fortaleza têm sido constantes, em seu

desempenho como pesquisador, professor, divulgador extramuros da Universidade como conferencista, autor de livros científicos, articulista, cronista, autor de livros didáticos de geografia para crianças.

Lembro aqui que, em sua bibliografia há um pequeno livro, *Nas Trilhas da Cidade* (que sempre releio), publicado pelo Museu do Ceará, composto por 51 crônicas sobre Fortaleza, publicadas no Jornal *O POVO*, com prefácio do excelente historiador Prof. Dr. Régis Lopes, então Diretor desse museu, que finaliza, assim, seu texto: “Em cada artigo, o prof. José Borzacchiello da Silva constrói um texto interativo e provocante; diante da cidade, dos leitores e dos poderes públicos. A sua escrita ergue-se como ato de reflexão cidadã, sobre a distância e a proximidade entre a cidade que temos e a que queremos”⁵.

Outro livro encantador de José sobre nossa cidade pertence à Coleção Pajeú, coordenada por Gylmar Chaves, publicado em 2013 pela Secultfor, da Prefeitura de Fortaleza e intitula-se *Parangaba*. Essa coleção convida escritores para se pronunciarem sobre bairros de Fortaleza. Nesse pequeno livro, José conta sua história de conhecimento de Parangaba, bairro que, segundo o autor, “é uma provocação para nossos sentidos”. Cheiro de frutas, conversas, músicas, barulho de feira, beleza das árvores da praça defronte Igreja de Bom Jesus dos Aflitos, bela e bem conservada. Salienta que Parangaba, que fica na zona sul de Fortaleza, já foi Município. Evoca tempos pretéritos, com fragmentos de textos de escritores, como Papi Júnior, com *O Simas* e convoca tempos atuais em textos acadêmicos de pesquisadores que escreveram sobre Parangaba.

Mas o amor do geógrafo por Fortaleza vai muito além em suas pesquisas e seus escritos: José participa de álbum publicado pela SecultCe - *Theatro José de Alencar De Corpo e Alma*, no aniversário de 94 anos do Theatro que é, um dos mais belos do Brasil e patrimônio arquitetônico que orgulha o Ceará. O texto de Borzacchiello, com o título de *o Theatro José de Alencar e a cidade de Fortaleza*, une-se nesse álbum de 2006, a textos de atrizes e atores, diretores, dramaturgos, compositores, gestores do TJA. Alguns fragmentos de frases de José nesse texto esclarecem que, em suas palavras: “O Theatro convive com uma Fortaleza popular [...] o Theatro é testemunha de um centro mutante [...] Uma cidade real, repleta

5 Fortaleza: Museu do Ceará/SecultCe, 2001, p.14 [Coleção Outras Histórias].

de atores anônimos, subsiste aos pés do Theatro, atendendo diferentes gostos e demandas [...]Valorizando o centro, o velho Theatro [...] mostra sua bela silhueta, cria um especial encantamento aos que se aproximam da praça.” E dirigindo-se diretamente ao Theatro: “Que bom que você resiste sublime e impávido, meu querido Theatro” (p.89-91). Tive razão em anunciar uma história de amor de um geógrafo por Fortaleza?

Um dos livros mais impactantes de José sobre nossa cidade intitula-se *Os incomodados não se retiram*, Fortaleza em questão, de 1992 e é fruto de sua tese de doutorado defendida na USP. A apresentação do livro pelo Arcebispo de Fortaleza, Dom Aloísio Lorscheider, inicia com uma frase-depoimento: “Estamos diante de uma publicação merecedora da maior atenção. Trata-se de uma análise socio geográfica de Fortaleza, ou ainda, da Geografia econômico social de Fortaleza”.

Acompanhamos ao longo dos capítulos do livro, sobretudo, a relação espaço geográfico e movimentos sociais. E depois das considerações finais, “Fortaleza, Realidade e Utopia”, podemos perguntar-nos, com certa tristeza: Qual o quantum de utopia que ainda necessitamos para construir uma sociedade democrática?

Insisto no amor do José por Fortaleza, sabendo que minha amiga Emília não tem ciúmes de Fortaleza e participa de todos os projetos de José, quase tão apaixonada por Fortaleza como o marido, não fora a concorrência da paixão que os dois experimentam pela Cidade de Belém do Pará, terra de berço de Emília!

Aliás, José e Emília já nasceram com a vocação de cidadãos do mundo. José é filho de Amando da Silva, natural de Viseu, Beira Alta, Portugal, e de Therezina Borzacchiello, da Silva, de New York, NY, EUA, filha de pais italianos, nascidos em Napoli. Já Emília, é filha de português do Minho e de mãe de origem espanhola, de Zamora.

José, desde a infância, viveu a devoção materna napolitana a Sant’Antimo, pois nesta cidade do sul da Itália, há templo católico dedicado a este Santo de tempos medievais, como na Toscana, onde lendas e história, Carlos Magno e a devoção a Sant’Antimo mesclam-se para contar a história de bela e famosa Abadia.

De volta à Fortaleza de José Borzacchiello, muitos outros textos em periódicos, em livros, em coletâneas, o geógrafo tem publicado sobre nossa

cidade: desde livros de geografia, em parceria, para o ensino fundamental sobre o Ceará e sua capital e belo *Atlas Escolar do Ceará*, com fotos, gravuras e, claro, mapas a artigos em relevantes coletâneas, muitas delas como participante na organização da obra. Como seu trabalho intelectual na área é imenso, citarei apenas algumas das coletâneas em que colaborou com artigo ou como um dos organizadores: *Coleção Convivência com o Semiárido; Litoral e Sertão, Natureza e Sociedade no Nordeste Brasileiro; Ceará: um novo olhar geográfico; Geografia Urbana, 30 anos do Simpósio Nacional de Geografia Urbana; Território: Modo de pensar e usar; Vulnerabilidade Socioambiental na Região Metropolitana de Fortaleza* (publicada pelas Edições UFC, e tendo dois consócios do Instituto do Ceará como organizadores: Eustógio Dantas e Maria Clélia Lustosa Costa); *Panorama da Geografia Brasileira 1*, ANPEGE; *Panorama da Geografia 2*, ANPEGE; *A Cidade e o Urbano; De Cidade a Metrópole-(Trans) formações Urbanas em Fortaleza* (essa obra buscou retomar textos já considerados clássicos, escritos pelos pesquisadores Eustógio Dantas, Maria Clélia Lustosa Costa, José Borzacchiello (organizadores), e Maria Salete de Souza, em quatro capítulos da obra, para acesso e análise da comunidade de geógrafos). Creio que, embora não esteja aqui completa a bibliografia de José Borzacchiello, os títulos mencionados dão ideia da importância e do volume de sua obra científica e cultural e da permanência do tema ligado a Fortaleza, ao Ceará e ao Nordeste em sua obra.

Importa agora citar o livro *França e a Escola Brasileira de Geografia: verso e reverso*, de 2012, Edições UFC, com apoio de CNPq e Observatório das Metrópoles, que tem versão em inglês pela Springer⁶, em coleção dedicada a estudos latino-americanos. Este livro resulta da pesquisa pós-doutoral de José Borzacchiello na Universidade de Paris IV, Sorbonne. Obra pautada em pesquisas em bibliotecas francesas, em arquivos, em diálogos com geógrafos franceses que estiveram em universidades brasileiras, ou estudo da obra de geógrafos brasileiros que estudaram na França, em entrevistas, em conversas informais. A seriedade e o ineditismo da pesquisa impressionaram estudiosos daqui e d'além mar. Uma das conclusões do estudo refere-se à influência dos geógrafos franceses na chamada Escola Brasileira de Geografia, que vem caminhando para uma

6 French-Brazilian Geography, The Influence of French Geography in Brazil.

troca de conhecimentos mais harmônica e autônoma entre os geógrafos dos dois países, Brasil e França. E uma das indagações que fica no estudo, a partir de depoimento de geógrafo francês é a seguinte: enquanto a França desenvolve modelos e questões de geografia mais universalizantes, o Brasil vem dedicando-se, com excelência, a modelos questões e temas que se circunscrevem ao próprio país. José, de certa forma, responde a essa questão, ao escrever na página final do livro: “Cabe à Geografia brasileira importante papel na explicação da realidade do país, da América Latina e por que não, do mundo. (p.221)”.

Comentaria, ainda, sobre as atuais pesquisas do Professor Borzacchiello, mas como meu tempo de fala já tende para a finalização, permito-me trazer algumas palavras de um texto ainda não publicado, mas que brevemente estará acessível aos leitores, com que José inaugurou o Ciclo de Conferências da Academia Cearense de Letras de 2016, intitulado “A Cidade de Fortaleza na Literatura”, realizado em novembro de 2016, por mim coordenado, durante presidência do Acadêmico José Augusto Bezerra. Nesse texto, “*Fortaleza: a cidade como chão poético de um povo apaixonado*”, José teve oportunidade, em encontro mais cultural do que científico, de trazer a voz de poetas e ficcionistas da cidade, e de deixar aflorar seu amor por Fortaleza.

Valho-me, pois, de suas próprias palavras para confirmar o tão anunciado amor de José por nossa cidade: “Quando falo de Fortaleza, falo de uma cidade dinâmica que traduz o que somos e o que fazemos e sentimos. Nós somos e construímos a cidade. Essa cidade é o invólucro que nos protege e nos envolve de tal forma, tornando difícil viver sem ela. Difícil sair de Fortaleza. Outras cidades enormes e luminosas têm forte poder de atração, chamam a atenção de muitos, são gigantescas. O que importa é Fortaleza. Ela reforça diuturnamente sua presença em nossas vidas”.

Mais adiante: “Fortaleza é o nosso destino. Nascemos, viajamos, vamos e voltamos à Fortaleza. Se não voltamos, o desejo de voltar permanece. De uma forma ou de outra, todos voltam.

Fortaleza é, tudo isso e muito mais. Fortaleza é, antes de tudo, fonte de muita imaginação e de criatividade. Seus poetas e escritores perscrutam os tempos, acompanham, avaliam. São verdadeiros arautos.

A cidade é chão é alimento de poetas e de escritores criativos, apaixonados. Esses artífices das palavras criam e recriam. Eles têm o dom de produzir arte em forma de textos que nos enlevam, que incomodam que nos transportam para mundos inimagináveis.

Fortaleza é mágica, é cidade, é sertão é litoral, é porto – vaqueiros e marinheiros se encontram. Fortaleza é ponto de confluência de povos que chegam de todas as direções. Seus espaços e logradouros públicos são testemunhos de trajetos e percursos, são traços de ligação, unem pontos atravessados por pedestres, passantes, flâneurs, comerciantes, produtores, mercadores, retirantes, peregrinos, migrantes. As vias unem pontos repletos de referências, com cruzamentos, atalhos, desvios. Árvores, rios, caatinga, carnaubais, campos cultivados, praças, palácios, feiras, fábricas, moinhos, monumentos ou edifícios de prestígio, marcam localizações, se inscrevem nos arcabouços da memória, contêm narrativas de fatos e acontecimentos. Nas lembranças dos cidadãos, os fatos mais marcantes. O sertão distante é sonhado no emaranhado do cotidiano urbano. O marinheiro traz experiências de outras plagas. Dessa mescla a cidade também é sonho, é porvir, é aposta no futuro.

Que o chão poético de Fortaleza continue encantando esse povo apaixonado, sem perder a sua dimensão crítica que propicia ganhos e avanços”.

Nasce um geógrafo-poeta?

(Discurso proferido em sessão de posse, virtual, em
20 de abril de 2021)